

# Caderno Dois DOMINGO

A GAZETA — VITÓRIA (ES), DOMINGO, 15 DE MAIO DE 1977

II MOSTRA DE TEATRO DA UFES

2

## “O NOVIÇO”



Angélica Arantes, José Mauro e Gessivaldo Lino



Fanny Bittencourt e Gessivaldo Lino Pinto

## O humor leve de Martins Penna

Texto de Edvaldo dos Anjos

Segundo espetáculo da II Mostra de Teatro promovida pela Universidade Federal do Espírito Santo, com apoio do DAE-Funarte-MEC, *O Noviço*, de Martins Penna, será apresentado hoje, a partir de 21 horas, no Teatro Carlos Gomes. A direção é de Gilson Sarmiento. Elenco: Fanny Maria Bittencourt Daniel (Florência), Maria Angélica M. Arantes (Emília), Vera Lúcia Rocha (Rosa), José Mauro Rocha Barros (Carlos), Gilson Sarmiento (Ambrósio), Renato da Silva Saudino (padre Mestre), Gessivaldo Lino Pinto (Jorge), Wilson Fernando T. da Silva (José), Ricardo Hermeto Coelho e Gino Ceotto Filho (meirinhos). A iluminação é de Décio Lorenção.

Comédia em 3 atos, com intervalo de cinco minutos entre cada um, *O Noviço* será apresentado pelo grupo de bolistas Arte/Teatro da Ufes, cujo programa é coordenado por Gilson Sarmiento. A montagem da peça faz parte do aprendizado. Gilson explica porque escolheu um texto de Martins Penna:

— Porque é bom. Escreve um teatro dinâmico. Sua maneira de escrever é bem adequada do século 19, as pessoas acham requintada demais, mas é apenas uma maneira mais romântica de falar. Na nossa montagem, sendo um grupo de estudantes, há uma intenção didática. Meu desejo é que o ator se livre do preconceito contra determinado tipo de linguagem para depois interpretá-la. Sei que a forma rebuscada assusta e que ninguém se preocupa com o conteúdo. Martins Penna é um crítico divertido, leve. Seus tipos têm muito do brasileiro classe média carioca do século passado, mas ele não é absolutamente um Mollete brasileiro.

Gilson Sarmiento teve uma passagem pela Fundação Cultural do Estado, como diretor do Teatro Carlos Gomes e de seu setor de teatro infantil, montando várias peças, entre as quais *A Cantora Caneca*, de Ionesco, *Três Peças de um Ato*, de Tchekov, *Eugene O'Neil* e *Robert Anderson*, *O Rapto das Cabalhinhas*, *Mazurquinhas*, *Fra-Fra*, *Marla*, *Linhoca*, *Chapuzinho Vermelho*, e o primeiro ato de *A Pena e a Lei*.

Desde o ano passado Gilson se encontra fazendo teatro na Universidade Federal do Espírito Santo, onde também é professor de inglês. É o coordenador da Mostra de Teatro, desde a primeira. Sua participação agora como diretor e ator é justificada por ele com a informação de que a montagem de *O Noviço*, após analisada e criticada pelo grupo de bolistas, necessitava de enfrentar uma platéia, "a teste final".

Ambientada no Rio de Janeiro, na época da Corte, com personagens da classe média carioca, a peça de Martins Penna é uma comédia que explora a fórmula dos equivocos, a partir do personagem do ambicioso Ambrósio, casado duas vezes, que deseja tomar o dinheiro de uma viúva rica, e a partir de um jovem, o noviço, que descobre isso e resolve frustrar os planos.

A maior parte dos personagens utiliza-se de comentários extra-ação, melhor caracterizando a farsa, como na cena em que o noviço, ao prometer acordo com Ambrósio sobre esconder a identidade de sua primeira mulher, vira-se para a platéia e acrescenta: "Veremos..."

É um espetáculo que exige muito ritmo e eficiência dos atores, principalmente devido à linguagem utilizada pelo autor, que precisa ser dita com ênfase e disposição para não parecer enfadonha. Além disso, os diálogos que provocam vários equivocos não podem ser mal elaborados. A peça começa com uma conversa entre Ambrósio e Florência, que se preparam para ir ao escritório de Ramos. Florência já foi casada e tem dois filhos do primeiro marido. Ambrósio casou-se com ela, viúva rica e se preocupa com a reação da filha Emília. "O que pensa tua filha do nosso projeto?", pergunta, ao que responde Florência: "O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu e basta. E se tiver obediência".

Ambrósio procura demonstrar que não foi dinheiro o que o atraiu em Florência, e sim sua simpatia. Ela diz acreditar, enquanto a platéia fica logo cúmplice de Ambrósio. Este diz: "Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel-prazer; mas daqui em diante, talvez assim não seja". Florência: "E por que?" Ambrósio: "Tua filha está moça e em estado de casar-se. Casar-se-á, e terá um genro que exigirá a legítima de sua mulher, e desse dia principiarão as amonitações para ti, e intermináveis demandas. Bem sabes que ainda não fizestes inventário".

Ambrósio faz então sua proposta: "...fazendo Emília professor em um convento. Sim, que seja freira. Não terás nesse caso de dar legítima alguma, apenas um insignificante dote — e farás ação meritória". A mãe: "Coitadinha! Sempre tenho pena dela; o convento é tão triste". A. Ambrósio, insistente: "É esta compaixão mal-entendida! O que é este mundo? Um pélogo de enganos e trações, um escudo em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida. E o que é o convento? Porto de salvação e ventura, asilo da virtude, asilo da inocência e verdadeira felicidade. E desejava não carinhosa hesitar entre o mundo e o convento?"

Ao ter aceita sua proposta, Ambrósio logo refere-se a outra preocupação. Carlos, sobrinho de Florência, que está no convento como noviço, há seis meses. Ambrósio demonstra o desejo de que Carlos permaneça no convento, até professor, "que só assim ficaremos tranquilos". Quando fica sozinho no quarto, Florência pensa alto: "Se não fosse com tanto desinteresse a minha fortuna. E uma bela pessoa... Rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora, digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser tão feliz, casar-me-ia cinquenta".

Emília não gosta da idéia de ser freira, mas diz-lhe Florência: "Inclinação! O que quer dizer inclinação? Terás, sem dúvida, por algum francelho frequentador de bailes e passeios, jogador de écarté e dançador de polca? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas. Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convém: serás freira".

Depois de alguma insistência e da intervenção de Ambrósio, Emília comenta: "E, minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padrastrô, como detesto! Estou certa de que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. Ser freira? Oh, não, não! E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha casou-se com este homem! Então não pensei eu na felicidade de seus filhos?"

De repente, Carlos entra na sala e, surpreendendo Emília, diz que fugiu do convento. Por que motivo? Ele responde: "Por que motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há sete dias... Vê como tenho esta barriga, vai a sumir-se. Desde sexta-feira passada não que não mastigo pedaço que valha a pena".

Ainda Carlos: "Hoje, já não podendo, questionei com D. Abade, palavras puxam palavras; disse tu, disse eu, e por fim de contas arrumei-me uma cabecada, que o atore por esses ares". Emília: "O que fizestes, louco?" Carlos: "E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minhas inclinações? Não nasci para freira, não tenho jeito nenhum para sentar horas inteiras no coro e rezar com os braços cruzados". Continuando: "Não me vi o gosto para ali... Não posso jejuar. Tenho, pelo menos três vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Militar é o que eu quisera ser, para al-chama-me a inclinação. Bonitasas, espadadeiras, ruelas é que me regalam; esse é o meu gênio. Gosto do teatro, e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção da Frei

Maurício, que frequenta a platéia de casa e cabeleira, para esconder a coroa".

Carlos havia passado seis meses de noviçado. Suas reclamações agora encontram naturalmente o apoio de Emília. Ele sonha em ser general de batalha, "voltar vitorioso, coberto de sangue e poeira". Na conversa com Emília, lembra que haviam crescido juntos, que se amavam, até que surgiu Ambrósio na vida de Florência e a fez "esquecer-se de seus filhos, que tanto amava". Carlos acaba chegando a conclusões, as quais revela à Emília: "Teu padrastrô persuadiu a minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me, impunemente, a herança que meu pai deixou-me. Um frade não põe demandas...". E completa: "Querem que tu sejas freira para não te darem dote, se te casares".

A esta altura da peça, surge uma nova personagem: Rosa, que acaba de chegar do Ceará no vapor Paqueta do Norte. Diz-se mulher de Ambrósio, com quem é casada há oito anos. Rosa explica, ante a incredulidade de Carlos: "Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze anos quando lá apareceu vindo do Maranhão, o sr. Ambrósio. Foi morar na nossa vizinhança. Vossa Reverendíssima bem sabe o que são vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também via-me; eu gostei, ele gostou e nos casamos... Vivi dois anos com meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O sr. Ambrósio tomou conta de nosos bens, vendeu-os e partiu para Montevideú, a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, havíamos de ganhar muito. Vai isto para seis anos, mas desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele".

Carlos vê a chance de vingar-se de Ambrósio: "Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade...". E logo que ele surge na sala, acompanhado de Florência e Emília, consegue que descubra, no quarto ao lado, sua primeira mulher. Ambrósio sai da casa antes que as outras mulheres descubram, enquanto Carlos se diverte com a situação. Com a Rosa que a voz feminina que ela ouviu era da mulher de Ambrósio, Rosa demora. Queve-se um barulho na rua. Carlos vê a janela e vê o mestre de noviços seguido de meirinhos que o procuram. Carlos fica nervoso e Rosa pergunta o que houve. Ele hesita, mas logo diz: "É um padre de soldados e meirinhos que vem prendê-la por ordem de seu marido". Para salvar a situação, propõe que Rosa vista o seu hábito e ele o vestido dela. "Levar-me ao mesmo; terá a senhora tempo de fugir".

Provocada a confusão o mestre dos noviços e os meirinhos levam Rosa vestida de frade, mostrando assim o primeiro ato.



José Mauro Barros e Angélica Arantes



Gilson Sarmiento e Fanny Bittencourt



José Mauro Barros e Vera Lúcia Rocha